

## Apresentação do Dossiê Música e Festa

---

Carlos Sandroni<sup>a</sup>  
Michael Iyanaga<sup>b</sup>

A iniciativa de propor a publicação à Revista ANTHROPOLÓGICAS um Dossiê sobre *Música e Festa* se relaciona com pesquisa apoiada pelo CNPq (Edital Ciências Humanas e Sociais 2012), e realizada entre janeiro de 2013 e janeiro de 2015, cujo tema foram as festas populares pernambucanas sob a perspectiva dos músicos. Esta pesquisa, da qual participaram, em diferentes papéis, os dois organizadores do presente dossiê, culminou com a realização, em abril de 2015 no Centro de Artes e Comunicação da UFPE, do *Colóquio Festas Populares sob a Perspectiva dos Músicos*. O conjunto de autoras e autores aqui reunidos traz ricas reflexões sobre relações entre festa, música e sociedade, e sobre possibilidades e resultados de uma abordagem integrada destes temas.

a Doutor em Musicologia (Universidade de Tours, França). Professor do Departamento de Música/UFPE e do PPGA-UFPE, e do PPG em Música da UFPB. E-mail: carlos.sandroni@gmail.com.

b Doutor em Etnomusicologia pela UCLA (Los Angeles, EUA). Pós-doutorando no College of William and Mary (Williamsburg, EUA). E-mail: michaeliyanaga@gmail.com.

## Uma antropologia da festa?

A polissemia do termo ‘festa’ é evidente, e foi apontada diversas vezes nas páginas que se seguem. Como de hábito, se essa polissemia é vantajosa para o uso coloquial da palavra, ela dificulta seu uso acadêmico. A palavra ‘festa’ não conta com uma sólida história conceitual na antropologia. Na língua inglesa – cujo papel hegemônico na disciplina conhecemos bem – não há sequer uma tradução de fato satisfatória. O que chamamos de ‘festa’ em português, a depender do contexto, pode ser traduzida ao inglês como *party*, ‘festival’ ou até *fair* (entre outras possibilidades). Isso não impediu, é claro, a produção, nesta língua, de literatura antropológica relevante para análises do que chamamos de ‘festa’. Mas não ajudou o tratamento conceitual do tema, já que debates sobre conceitos ligam-se sempre a debates sobre palavras.

Em francês, por outro lado, a palavra *fête* traduz ‘festa’, literal e convenientemente. Trabalhos em ciências humanas escritos nesta língua dedicaram-se ao tema, mas não tanto na área de antropologia. Isso, aliás, é surpreendente numa tradição antropológica que tem como pais fundadores um Émile Durkheim (com sua ‘efervescência’) e um Marcel Mauss (com seu *potlatch*). Reflexões sobre *la fête* serão mais tipicamente encontradas em trabalhos de historiadores, como Michel Vovelle (1976) e Mona Ozouf (1989), e de pensadores de difícil classificação, como Roger Caillois (1979), René Girard (1990) e Jean Duvignaud (1983), este último, principalmente, referência em alguns dos artigos aqui apresentados.

A antropologia, portanto, não dispõe de um arsenal de ‘teorias da festa’ comparável àquele de que dispõe para tratar de conceitos relacionados, como ‘ritual’, ‘performance’, ‘música’ e ‘dança’ (em ordem decrescente de centralidade disciplinar). Nas palavras de Perez,

[o] termo festa rende bem para uma denominação genérica, mas cria problemas quando se trata de singularizar e conceituar. Identificar um tal evento como festa, em sentido geral, não parece difícil, mas

tudo se complica à la fois quando se trata de qualificar e de particularizar; logo, o termo denomina, mas não conceitua (Perez 2012: 23).

Estando de acordo, não pretendemos nos debruçar aqui sobre os abismos incertos da conceituação de ‘festa’ como tema antropológico. Reconhecemos no termo uma ampla variedade de eventos (aniversários, bailes, comemorações cívicas, religiosas etc.). Assim, em busca de um sentido aberto, e atentos às especificidades locais, chamaremos de ‘festa’ não só um “evento [coletivo] delimitado no tempo e no espaço” (Perez 2012: 40), mas também algo que é de fato reconhecido como ‘festa’ (mesmo se não exclusivamente como tal) no respectivo contexto.

Festas são, segundo se admite, momentos particularmente relevantes para a compreensão de sociedades. Elas celebram valores, exprimem consensos, diferenças e conflitos. Nas festas, as sociedades saem de seu cotidiano e como que se mostram a si mesmas sob diferentes perspectivas, num jogo de espelhos que a um tempo revela e oculta. Ainda, nenhuma festa pode ser entendida como um recorte temporal fechado em si. Sabemos que aquilo que acontece antes da festa influi no seu desenrolar, da mesma forma que o que acontece durante a festa pode também mudar a vida posterior. Nos artigos que compõem o presente dossiê, podemos observar como a política, a história e a desigualdade social são relacionadas com a música e as festas, e como estas múltiplas perspectivas e práticas se relacionam, se constroem e se desconstróem.

### **Música e festa: um campo em construção?**

A palavra ‘música’ talvez precise aqui de menos elaboração que ‘festa’, sendo há décadas assunto de debate no quadro de uma disciplina de viés antropológico, a etnomusicologia. Mas vale ressaltar que o conceito de ‘música’ que orienta os artigos deste dossiê não se reduz aos fenômenos sonoros. Ao contrário, tratamos de música como algo ligado tanto a sons como a comportamentos, atividades e ideias, saberes e emoções, intenções e realizações (Seeger 2004: xiv).

E de fato, nas páginas que se seguem a ‘música’ aparece nas mais diversas formas, desde sons e instrumentos até atitudes, ideologias e entendimentos, que também constituem os eventos musicais. Assim, os artigos aqui contidos exploram maneiras como a festa se relaciona com este abrangente conceito de música.

Em todas as sociedades, festas e rituais festivos são acompanhados de música. Muitos trabalhos etnomusicológicos importantes, ao lidar com festas musicais, propõem, ao menos implicitamente, ideias sobre relações entre música e festa. Talvez os primeiros *insights* sobre algo que poderia ser chamado de uma etnomusicologia da festa, tenham vindo com nomes como ‘ocasiões musicais’ (Herndon 1971),<sup>1</sup> ‘eventos musicais’ (Stone 1982) e ‘práticas de performance’ (Béhague 1984). Este tipo de abordagem, que inicialmente mais se destacou e desenvolveu na etnomusicologia norteamericana, se baseava em trabalhos de antropólogos, sociólogos e folcloristas que já falavam em ‘ocasiões’, ‘performances’, e ‘*framing*’ (enquadramento), entre outros termos, para abordar a cultura expressiva (Cf. Abrahams 1955; Bateson 1955; Bauman 1975; Goffman 1959, 1967; Singer 1955).

As interpretações iniciais de eventos musicais – por pesquisadoras como Marcia Herndon e Ruth Stone – tratavam das performances como momentos clivados da sociedade. Para Herndon, por exemplo, a ocasião musical era “expressão encapsulada das formas e valores cognitivos compartilhados de uma sociedade” (1971:340). Por outro lado, o evento musical era, para Stone, lugar de liminalidade confinado apenas “dentro da esfera finita da performance” (1982:131). Já sabemos, entretanto, que as performances não são coisas herméticas ou isoladas da vida social. Ao contrário, são constituintes dela, podendo criá-la, recriá-la e contestá-la. De fato, como os etnomusicólogos têm demonstrado, performances musicais – e, por extensão, as festas a que tantas vezes se associam – podem ser ligadas a múltiplos temas de pesquisa: relações sociais (Cf. Bastos 2013; Seeger 2015; Turino 1993; Waterman 1990), estética (Cf. Meintjes 2003), identidades étnicas,

raciais e de gênero (Cf. Gaunt 2006; Kisliuk 1998; Lucas 2002; Rees 2000; Rosa 2010; Spiller 2010), resistência (Cf. Erlmann 1996). Apresentam também, simplesmente, uma perspectiva reveladora para compreender a música (Cf. Béhague 1984; Herndon & McLeod 1980; Lucas 2013).

## **Festas no Brasil**

É duvidoso que se possa afirmar serem algumas sociedades ou países mais propensos às festas que outros; é notória, porém, a existência de um lugar-comum segundo o qual o Brasil é um país especialmente festeiro. A fama da festa brasileira é internacional, e neste plano, associada geralmente ao carnaval e ao futebol. Um exemplo recente são as representações sobre o país como lugar de festa eterna durante a Copa do Mundo de 2014.<sup>2</sup> Mas o lugar-comum não se limita a agências de turismo e o discurso popular, podendo ser encontrado na própria produção literária e acadêmica sobre festas brasileiras. Neste sentido, as festas não seriam apenas tema privilegiado para o estudo de qualquer sociedade, mas também, tema especialmente relevante para a compreensão da sociedade brasileira. Pode uma reflexão sobre a festa no Brasil escapar da sedução do estereótipo festeiro, sem necessariamente renunciar à busca do que Perez chama de “a perspectiva da festa”?

É o que vêm tentando, com sucesso variável, folcloristas, historiadores, antropólogos e etnomusicólogos, e isso pelo menos desde que Melo Morais Filho publicou, em 1901, *Festas e Tradições Populares Brasileiras*. Um grande marco nesta trajetória de reflexão foi a publicação de *Carnavais, Malandros e Heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*, de Roberto DaMatta (DaMatta 1979). DaMatta, inspirando-se nos estudos de ritual desenvolvidos por Victor Turner (1974), propõe uma análise comparativa de três grandes festas brasileiras: o Carnaval, o Sete de Setembro, e a Semana Santa. O livro tornou-se rapidamente um clássico, e veio a ser, para a surpresa de muitos, a

obra brasileira mais citada nas ciências sociais produzidas no país nas duas últimas décadas do século XX (Gomes, Barbosa & Drummond 2001).

Outra referência fundamental para o estudo das festas brasileiras tem sido a antropóloga Maria Laura Cavalcanti. Em *Carnaval Carioca: dos bastidores ao desfile* (Cavalcanti 2006), ela apresenta uma detalhada etnografia do ciclo anual de preparação e concretização do desfile de uma das mais importantes escolas de samba no Rio de Janeiro, a Mocidade Independente de Padre Miguel. Mais tarde, a antropóloga publicou importantes estudos sobre a festa do bumba-meu-boi de Parintins, na Amazônia. Em ambos os casos, trata-se de festas públicas de grandes proporções, mobilizando vastos recursos financeiros, milhares de participantes e dezenas de profissionais (entre os quais muitos músicos). A autora propôs chamar este tipo de festa de ‘espetacular’, na medida em que o auge da atividade festiva se concentra em torno de desfiles de grandes proporções onde o aparato visual (e seu encantamento) parecem desempenhar o papel primordial (Cavalcanti 2001 e 2002).

Também não se pode deixar de mencionar a tese de doutorado em antropologia de Rita Amaral (1998), “Festa à brasileira: sentidos do festejar no país que ‘não é sério’”. Neste trabalho, Amaral propõe-se a sistematizar características gerais das festas brasileiras, a partir de uma ampla gama de instâncias específicas, como o Círio de Nazaré, a Oktoberfest de Blumenau, as festas juninas e a festa do ‘Peão Boiadeiro’ de Barretos (SP). Suas análises propõem ver no trabalho prévio de organização popular, necessário para sua realização, chaves para a compreensão das dimensões políticas da festa, das quais não se pode dizer, a priori, que sejam ‘transformadoras’ ou ‘conservadoras’ (dicotomia que consumiu muito debate anterior sobre o tema).

Finalmente, entre publicações antropológicas mais recentes sobre o tema da festa, destaca-se a coletânea *Festa em Perspectiva, Festa como Perspectiva* (PEREZ, L. F., AMARAL, L. & MESQUITA, W. 2012), citada por diversos artigos neste dossiê. Na publicação, as organizadoras

conseguiram reunir um grande e qualificado grupo de autores e autoras, abordando diversas festas sob diferentes enfoques, indo de festas religiosas afro-brasileiras ou cristãs, a festas de divertimentos com música e dança, passando por festas de aniversário.

Cabe notar que abordagens etnomusicológicas sobre performance, discutidas acima, e especificamente a ligação entre música e festa, já têm se desenvolvido em contextos brasileiros há décadas. Se nos ativermos, por exemplo, a trabalhos sobre música ameríndia, veremos estudos produzidos já desde os anos 1970. O importante livro de Anthony Seeger sobre os índios Suyá/Kisêdjê, baseado em pesquisas feitas desde 1970, se estrutura em torno da cerimônia, ou festa, do Rato; de fato, o primeiro capítulo do livro se intitula, em português, *Começa a Festa do Rato* – em inglês, *The Mouse Ceremony Begins* (Seeger 2015; Seeger 2004). E se chama *A Festa da Jaguatirica* (Bastos 2013) o recente livro de Rafael Menezes Bastos, um dos mais importantes etnomusicólogos brasileiros, que vem pesquisando a música e a sociedade Kamayurá também desde os anos 1970.

Fora do âmbito ameríndio, encontramos também estudos etnomusicológicos variados sobre festas e música em contextos rurais e urbanos brasileiros. Podemos apontar, por exemplo, o crescente número de trabalhos etnomusicológicos voltados para festas religiosas brasileiras, mostrando o papel fundamental da música em diversas cosmologias e práticas devocionais. Encontramos estudos recentes que contemplam as folias (Reily 2002) e congadas (Lucas 2002) do sudeste assim como a religiosidade nordestina, desde as diversas festas musicais do universo católico (Iyanaga 2013; Marques 2008; Santos 2001) até a música nas festas das religiões afro-brasileiras (Garcia 2008; Lühning 1990; Rosa 2009). Ainda, muitos trabalhos de etnomusicólogos brasileiros tratam de gêneros musicais ligados a festas: alguns exemplos são a tese de Araújo (1992), o livro de Sandroni (2012 [2001]) e o livro de Trotta (2011), sobre samba; e os trabalhos de Fernandes (2005) e de Santos (2014), bem como o livro de Trotta (2015), sobre forró. Esta literatura previamente acumulada contribui para a

produção de novos trabalhos sobre música e festa, como os reunidos neste dossiê.

## O Dossiê

Os artigos aqui apresentados oferecem ampla variedade de temas e abordagens. Em *Peixes, lontras e arraias: resistência étnica dos índios Krahô através da festa*, Júlio César Borges, com apoio em trabalhos prévios no campo da etnomusicologia indígena no Brasil, oferece rica descrição e análise da festa do *Tep mē tēre*, realizada pelos Krahô, povo do tronco linguístico Jê, do norte do estado do Tocantins. O autor mostra como, para os Krahô, festas são momento privilegiado de afirmação e recriação de seu sentido de estar no mundo. Cosmologias Jê veem na origem (sempre repostas) da sociedade um processo de absorção de elementos externos. Saberes e práticas que possibilitam a existência social foram buscados fora desta, entre animais, peixes e espíritos. As festas Krahô refazem ritualmente este percurso, do qual cantos e danças são constitutivos. Aprendendo e festejando com peixes, lontras e arraias, os Krahô, mostra-nos Júlio César Borges, consolidam seus laços e se fortalecem diante de pressões neocoloniais.

Os dois artigos seguintes vêm se somar à fortuna crítica da mais famosa festa brasileira, o carnaval. Em *Festas, brincantes e poder público*, Danielle Maia Cruz e Lea Carvalho Rodrigues investigam maneiras pelas quais brincantes do Carnaval de Fortaleza negociam sua participação na recente 'política de editais'. Trata-se de mecanismo de financiamento em que o poder público, motivado principalmente por interesses turísticos, cria novos incentivos para promover o que consideram ser a cultura tradicional, com foco no pré-Carnaval. Através de cuidadosa etnografia, envolvendo tanto representantes do governo como participantes de blocos, Cruz e Rodrigues detalham a complexa teia de poder e conflito que se forma no cruzamento de diversas estratégias e atuações. Assim, as autoras mostram que, mesmo sendo bastante diferentes os objetivos dos brincantes e os desejos do poder



público, eles interagem no espaço público da organização e realização da festa, criando novas circunstâncias e situações.

Em *Sinfonia de tambores*, Lady Selma Ferreira Albernaz & Jailma Maria Oliveira tratam de um aspecto recente das atividades dos grupos chamados de ‘maracatu nação’ no carnaval de Recife: sua participação na noite de ‘Abertura’ da festa, evento estabelecido desde 2002 pela prefeitura da cidade. Esta participação reúne vários grupos de maracatu na praça do Marco Zero, espaço de grande centralidade simbólica em Recife, sob a regência do famoso percussionista pernambucano Naná Vasconcelos. Esta é a única ocasião, a cada ano, em que os maracatus tocam conjuntamente, e ela gera questionamentos, pois os grupos são rivais entre si, e desenvolvem estilos de tocar peculiares, cuja compatibilização é incerta. A exposição das atividades e debates em torno da preparação e realização desta ‘abertura’ musical e festiva permite às autoras desenvolver instigantes reflexões sobre música e comunicação, em diálogo com teorias de Tim Ingold sobre o potencial cognitivo da música.

O artigo seguinte nos leva a outro momento bem conhecido do calendário festivo. Em *Música e festa na perspectiva das quadrilhas juninas de Recife*, Hugo Menezes Neto apresenta uma rica reflexão sobre o papel da música nas quadrilhas juninas, baseado em extensa pesquisa de campo e em sua própria vivência como quadrilheiro. As quadrilhas aqui estudadas são grupos de dança formalizados, que se preparam ao longo do ano para realização de apresentações competitivas durante o mês de junho. O autor mostra como debates sobre inovação, tradicionalismo e identidade, que empolgam quadrilheiros pelo menos desde os anos 1980, ganham especial relevância quando se trata de escolhas musicais. O tipo de repertório usado e seu sequenciamento, as opções por música ao vivo ou gravada, e as decisões sobre arranjos, são alguns dos aspectos destacados. Estas opções musicais são capazes, segundo os quadrilheiros, de fazer toda a diferença na ‘energia’ das apresentações, incidindo diretamente sobre os demais aspectos envol-

vidos (dança, figurinos etc), e definindo a maneira como a quadrilha é percebida, tanto pelo público quanto por seus próprios integrantes.

Os dois últimos artigos do dossiê tratam de festivais, palavra, aliás, quase tão polissêmica quanto ‘festa’. Em *Música e extravasamento*, Luana Seixas & Elizabeth Pissolato, juntando sua pesquisa etnográfica a diversas fontes secundárias e teóricas, tomam o Festival de Bandas Novas, em Juiz de Fora (MG), como um “momento criativo do social”. O foco é a comunidade que se reúne em torno do gênero musical *heavy metal*, mostrando a trajetória deste gênero no Brasil e sua atual importância para a juventude no Festival. Seixas & Pissolato ainda apontam as rodas de *mosh* – dentro do qual os participantes se chocam uns com os outros, sem brigar – como aspecto fundamental pertinente à sociabilidade da festa. De fato, como sublinham as autoras, é nestas rodas que acontece uma negociação implícita entre a liberdade individual de movimentos, e o ‘extravasamento’ coletivo. O Festival de Bandas Novas é um exemplo nítido de como a música atua na ligação da experiência individual à coletiva.

O dossiê se encerra com uma contribuição não-brasileira, o artigo de Raquel Paraíso, *El Festival de La Huasteca: a space for the construction and performance of identity and culture*. A autora mostra de maneira convincente a importância da música ali realizada, na construção e expressão de identidade na região huasteca do nordeste mexicano. Paraíso enfatiza como os chamados *mestizos* e os grupos indígenas se distinguem mutuamente através da participação diferenciada no festival. Músicas, interações sociais e escolhas estéticas destes grupos fazem parte de um complexo processo de formação identitária cultural, ligado à sua história assim como ao seu presente. Além disso, Paraíso demonstra como estas negociações identitárias vão além das situações locais, sendo também ligadas a iniciativas do poder público em nível estadual e federal.

Com este dossiê, esperamos apresentar uma diversidade de perspectivas sobre *Música e Festa*, que possa ajudar a pensar conexões entre ambas, e delas com a vida social de que são parte, em diferentes

situações, no Brasil e além. Como os artigos aqui reunidos demonstram, a relação entre música e festa depende do seu contexto, e os sentidos tanto de música como de festa vão mudando junto com as pessoas que as praticam. Assim, desejamos contribuir para com a conversa em curso entre novas perspectivas, ideias e vozes, não só dos autores e autoras dos artigos, como também das pessoas (musicistas, brincantes, dançarinas e foliãs) retratadas e citadas nas páginas deste dossiê. E esperamos que vocês – caro leitor e cara leitora – acompanhem, aproveitem e curtam as múltiplas perspectivas e reflexões apresentadas nesta nossa festa!

## Notas

<sup>1</sup> Os etnomusicólogos tendiam a traçar as origens da ‘ocasião musical’ à tese de doutorado de Norma McLeod, de 1966 (Béhague 1984:6; Herndon 1971:339). Porém, uma análise cuidadosa da tese de McLeod revela que esta genealogia está um pouco confusa. Pois, na sua tese, McLeod (1966) apenas utiliza termos como “situação” e “contexto” (1966:viii, 47), teorizando a ‘ocasião’ somente em publicações posteriores (Cf. McLeod 1975).

<sup>2</sup> Ver, por exemplo, a reportagem sobre a Fifa no programa norteamericano *Last Week Tonight with John Oliver*, do dia 8 de junho de 2014 (dias antes do início da Copa do Mundo). O programa é geralmente bastante contundente na maneira satírica e irônica com que aborda a política. Nesta reportagem, entretanto, o apresentador, o comediante John Oliver, retrata o Brasil como um país de festa contínua. Assim, seguindo uma imagem do carnaval carioca, Oliver explica, com um ar condescendente, que “os brasileiros ficam entusiasmados com tudo”. (ver o clipe: <https://www.youtube.com/watch?v=DlJEt2KU33I>).

## Referências

- ABRAHAMS, Roger. 1970. “A Performance-Centered Approach to Gossip”. *Man*, 5(2):290-301.
- AMARAL, Rita. 1998. *Festa à Brasileira: Significados do festejar, no país que “não é sério”*. Tese de Doutorado. São Paulo: USP.

- ARAÚJO, Samuel. 1992. *Acoustic Labor in the Timing of Everyday Life: A Critical Contribution to the History of Samba in Rio de Janeiro*. Tese de Doutorado. Urbana: University of Illinois.
- BASTOS, Rafael José de Menezes. 2013. *A Festa da Jaguatirica: uma partitura crítico-interpretativa*. Florianópolis: Editora UFSC.
- BATESON, Gregory. 1955. "A Theory of Play and Fantasy". *Psychiatric Research Reports*, 2:39-51.
- BAUMAN, Richard. 1975. "Verbal Art as Performance". *American Anthropologist*, 77(2):290-311.
- BÉHAGUE, Gerard (ed). 1984. *Performance Practice: Ethnomusicological Perspectives*. Westport, Connecticut (EUA): Greenwood Press.
- CAILLOIS, Roger. 1979. *O Homem e o Sagrado*. Lisboa: Edições 70.
- CAVALCANTI, Maria Laura. 2006. *Carnaval Carioca: dos bastidores ao desfile*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ.
- \_\_\_\_\_. 2001. "The Amazonian Ox-Dance: An Anthropological Account". *Cultural Analysis*, 2:69-105.
- \_\_\_\_\_. 2002. "Os Sentidos no Espetáculo". *Revista de Antropologia*, 45(1):37-89.
- DAMATTA, Roberto. 1979. *Carnavais, Malandros e Heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Zahar.
- DURKHEIM, Émile. 2008. *As Formas Elementares de Vida Religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. São Paulo: Paulus.
- DUVIGNAUD, Jean. 1983. *Festas e Civilizações*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- ERLMANN, Veit. 1996. *Nightsong: Performance, Power, and Practice in South Africa*. Chicago: University of Chicago Press.
- FERNANDES, Adriana. 2005. *Music, Migrancy and Modernity: a Study of Brazilian Forró*. Tese de Doutorado. Urbana: University of Illinois.
- GARCIA, Sonia Maria Chada. 2008. *A Música dos Caboclos nos Candomblés Baianos*. Salvador: Fundação Gregório de Mattos, Edufba.
- GAUNT, Kyra Danielle. 2006. *The Games Black Girls Play: Learning the Ropes from Double-Dutch to Hip-Hop*. New York: New York University Press.
- GIRARD, René. 1990. *A Violência e o Sagrado*. São Paulo: Paz e Terra.
- GOMES, Laura Graziela; BARBOSA, Livia & DRUMMOND, José Augusto. 2001. *O Brasil não é para Principiantes: Carnavais, malandros e heróis 20 anos depois*. Rio de Janeiro: FGV.
- GOFFMAN, Erving. 1959. *The Presentation of Self in Everyday Life*. New York: Anchor Books.
- \_\_\_\_\_. 1967. *Interaction Ritual: Essays on Face-to-Face Behavior*. New York: Anchor Books.

- HERNDON, Marcia. 1971. "The Cherokee Ballgame Cycle: An Ethnomusicologist's View". *Ethnomusicology*, 15(3):339-352.
- HERNDON, Marcia & MCLEOD, Norma (eds). 1980. *The Ethnography of Musical Performance*. Norwood, Pennsylvania (EUA): Norwood Editions.
- KISLIUK, Michelle. 1998. *Seize the Dance! BaAka Musical Life and the Ethnography of Performance*. New York: Oxford University Press.
- IYANAGA, Michael. 2013. *New World Songs for Catholic Saints: Domestic Performances of Devotion and History in Bahia, Brazil*. Tese de Doutorado. Los Angeles: University of California.
- LUCAS, Glauro. 2002. *Os Sons do Rosário: O congado mineiro dos Arturos e Jatobá*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- LUCAS, Maria Elisabeth (ed). 2013. *Mixagens em Campo: Etnomusicologia, performance e diversidade musical*. Porto Alegre: Marcavizual.
- LÜHNING, Angela. 1990. "Música: coração do candomblé". *Revista USP*, 7: 115-124.
- MARQUES, Francisca. 2008. *Festa da Boa Morte e Glória: Ritual, música e performance*. Tese de doutorado. São Paulo: USP.
- MCLEOD, Norma. 1966. *Some Techniques of Analysis for Non-Western Music*. Tese de Doutorado. Northwestern: Northwestern University.
- \_\_\_\_\_. 1975. Keynote Address. In HERNDON, Marcia & BRUNYATE, Roger Brunyate (eds): *Proceedings of a Symposium on Form in Performance, Hard-Core Ethnography*, pp. 1-17. Austin: Office of the College of Fine Arts, University of Texas.
- MEINTJES, Louise. 2003. *Sound of Africa: Making Music Zulu in a South African Studio*. Durham: Duke University Press.
- MORAIS FILHO, Melo. 1901. *Festas e Tradições Populares Brasileiras*. Rio de Janeiro: H. Garnier.
- OZOUF, Mona. 1989. *La Fête Révolutionnaire, 1789-1799*. Paris: Galimard.
- PEREZ, Léa Freitas. 2012. "Festa para Além da Festa". In PEREZ, L. F., AMARAL, L. & MESQUITA, W. (eds): *Festa como Perspectiva e em Perspectiva*, pp. 21-42. Rio de Janeiro: Garamond.
- PEREZ, Léa Freitas, AMARAL, Leila & MESQUITA, Wania (eds). 2012. *Festa como perspectiva e em perspectiva*. Rio de Janeiro: Garamond.
- REES, Helen. 2000. *Echoes of History: Naxi Music in Modern China*. New York: Oxford University Press.
- REILY, Suzel Ana. *Voices of the Magi: Enchanted Journeys in Southeast Brazil*. Chicago: University of Chicago Press.

- ROSA, Laila. 2009. *As Juremeiras da Nação Xambá (Olinda, PE): músicas, performances, representações de feminino e relações de gênero na jurema sagrada*. Tese de doutorado. Salvador: UFBA.
- \_\_\_\_\_. 2010. "Pode Performance ser no Feminino?". *Ictus*, 11(2):83-99.
- SANDRONI, Carlos. 2012 [2001]. *Feitiço Decente: transformações do samba no Rio de Janeiro (1917-1933)*. Rio de Janeiro: Zahar.
- SANTOS, Climério de Oliveira. 2014. *Forró desordeiro: para além da bipolarização "pé de serra versus eletrônico"*. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: UNIRIO.
- SANTOS, Eurides de Souza. 2001. *Sincronizando mundos diversos: Um estudo de canto participativo na romaria de Canudos*. Tese de doutorado. Salvador: UFBA.
- SEEGER, Anthony. 2004. *Why Suyá Sing: A Musical Anthropology of an Amazonian People*. Urbana: University of Illinois Press.
- \_\_\_\_\_. 2015. *Por que cantam os Kisédjê*. São Paulo: Cosac Naify.
- SINGER, Milton. 1955. "The Cultural Pattern of Indian Civilization: A Preliminary Report of a Methodological Field Study. *The Far East Quarterly*", 15(1):23-26.
- SPILLER, Henry. 2010. *Erotic Triangles: Sundanese Dance and Masculinity in West Java*. Chicago: University of Chicago Press.
- STONE, Ruth M. 1982. *Let the Inside Be Sweet: The Interpretation of Music Event among the Kpelle of Liberia*. Bloomington: Indiana University Press.
- TROTTA, Felipe. 2011. *O Samba e suas Fronteiras: 'pagode romântico' e 'samba de raiz' nos anos 1990*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ.
- \_\_\_\_\_. 2014. *No Ceará Não Tem Disso Não: Nordestinidade e macheza no forró eletrônico*. Rio de Janeiro: Folio Digital.
- TURINO, Thomas. 1993. *Moving Away from Silence: Music of the Peruvian Altiplano and the Experience of Urban Migration*. Chicago: University of Chicago Press.
- TURNER, Victor. 1974. *O Processo Ritual: estrutura e anti-estrutura*. Petrópolis: Vozes.
- VOVELLE, Michel. 1976. *Les Métamorphoses de la Fête en Provence, 1750-1820*. Paris: Flammarion.
- WATERMAN, Christopher A. 1990. *Jùjú: A Social History and Ethnography of an African Popular Music*. Chicago: University of Chicago Press.